

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL - NOTURNO

Regina Puntel da Costa Silva

**PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL ENVELHECENDO
COM AUTONOMIA**

Santa Maria, RS
2023

Regina Puntel da Costa Silva

**PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL ENVELHECENDO COM
AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Especial - Noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciada em Educação Especial**.

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Fernandes de Castro

Santa Maria, RS
2023

Regina Puntel da Costa Silva

**PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL ENVELHECENDO COM
AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Especial - Noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciada em Educação Especial**.

Aprovado em 19 de janeiro de 2023.

**Sabrina Fernandes de Castro, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**

Gabriela Brutti Lehnhart, Ms. (UFSM)

Elisiane Perufo Alles, MS. (UFPR)

Santa Maria, RS
2023

Dedico meu Trabalho de Conclusão de Curso às professoras que tive, as quais não tiveram acesso à esse tipo de informação e fizeram pouco caso de seus alunos por anos - indiretamente dedico à esses alunos.

Dedico também ao tio Huguinho (*in memoriam*), que nasceu com Síndrome de Down, irmão do meu pai, e não teve a oportunidade de viver o envelhecimento com sua deficiência, pois acabou falecendo em decorrência da falta de acesso aos recursos de antigamente.

Ao meu amigo querido Rubinho (*in memoriam*), que era deficiente intelectual e costumávamos tratar ele como se fosse o mais novo dentre os amigos, pois entendíamos que sua condição o levava a isso.

À minha prima Alice, que nasceu com Eritoblastose e autismo nível 2 não verbal, onde tive o prazer de descobrir que ela gostava de danoninho quando era um bebezinho, pois conseguia ingerir poucos tipos de alimentos. Hoje, está com 39 anos, muito bem cuidada pela sua irmã Amanda.

Ao meu amigo de adolescência Diguinho (*in memoriam*), que nasceu com Síndrome de Down. Sempre estava feliz, era cativante, todos gostavam dele, a única vez que vi ele chorando triste foi quando se deu conta que nunca se casaria, me causou uma dor inexplicável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha filha, Ana Cristina, que me inscreveu e incentivou desde os primeiros momentos, e meu filho José Renato, que juntamente à Ana, por várias vezes, me ajudaram a repassar os textos, fazer correções, sempre estando dispostos a ajudar na formatação e dando ideias relevantes para meu projeto e trabalhos durante esse percurso, foram de grande valia para mim.

Também ao Claudio, meu esposo, e meus pais, que durante esse trajeto demonstraram muito orgulho de ver minha evolução.

Aos meus irmãos, sobrinhos e amigos queridos, que vez ou outra vinham discutir sobre meus estudos para entenderem melhor a concepção de pessoas com necessidades de educação especial.

Aos meus colegas, que me trataram com muito carinho em todos os momentos do curso.

Aos meus professores queridos, que até hoje, quando me encontram, me chamam pelo nome, tenho imenso carinho e respeito por todos.

Agradeço à minha orientadora, Sabrina Fernandes de Castro, que teve paciência de explicar e suprir minhas dúvidas, e à minha banca, que foi composta por Elisiane Perufo Alles e Gabriela Brutti Lehnhart, que me ofertaram várias considerações para melhorar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Um dia achei que não tinha condições de ser uma acadêmica, hoje sei que é mentira. Gratidão Deus por mostrar o caminho e acreditar em mim!

Assim como as aves, as pessoas são
diferentes em seu voo, mas iguais no
direito de voar.
(Judite Hortal)

RESUMO

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL ENVELHECENDO COM AUTONOMIA

AUTORA: Regina Puntel da Costa Silva
ORIENTADORA: Sabrina Fernandes de Castro

Este projeto teve como prioridade os adultos com Deficiência Intelectual (DI) na fase de envelhecimento. Na velhice, frequentemente ocorrem alterações em diferentes áreas da cognição, que envolvem o funcionamento mental, como as habilidades de pensar, de perceber, de lembrar, de sentir, de raciocinar e de responder aos estímulos externos (RABELO, 2009). Assim, com esta pesquisa, pode-se conhecer as necessidades da pessoa com DI na fase adulta para se manter autônomo, a fim de discutir as possibilidades de melhorar seu funcionamento para se tornar mais independente. Nesse sentido, foi feito um estudo de natureza básica com objetivos exploratórios e realizadas entrevistas com: cinco alunos com DI entre 45 e 50 anos, estando eles na instituição há mais de 10 anos; uma professora de Educação Especial; uma educadora social; e três professoras regulares, atuantes nas instituições de seis meses a 13 anos. Assim sendo, foi possível refletir sobre as necessidades da pessoa com DI na fase adulta e entender que os sintomas biológicos, saúde, relações sociais, autonomia e disposição, na vida desses sujeitos, estão interligados. Entende-se que é necessário exercitar o corpo e a mente vivendo em sociedade e praticando atividades de vida diária e físicas. Ademais, conheceu-se um pouco sobre a atuação da Educação Especial e os interesses e potenciais desses sujeitos e, dessa forma, pode-se perceber que esses sujeitos possuem necessidades de exercitar o corpo e a mente, e essa transformação só ocorre vivendo em sociedade e praticando atividades, tanto de saúde mental quanto físicas.

Palavras-chave: Educação Especial. Autonomia. Fase adulta. Envelhecimento.

ABSTRACT

PERSONS WITH INTELLECTUAL DISABILITY AGING WITH AUTONOMY

AUTHOR: Regina Puntel da Costa Silva
ADVISOR: Sabrina Fernandes de Castro

This project had as its priority the adults with intellectual disability (ID) in the aging phase. At old age, there frequently occur alterations in different areas of cognition, that involve mental function, like the ability to think, perceive, remember, feel, rationalize and answer to external stimuli (RABELO, 2009). Therefore, with this research, the needs of a person with ID in the adult phase for autonomy can be understood, in order to discuss the possibilities of improving their functioning so that they become more independent. In this sense, a study of basic nature was done with exploratory objectives and realized with interviews: five students with ID between the ages of 45 and 50, themselves being in the institution for more than 10 years; a professor of Special Education; a social educator; and three regular teachers, acting in the institutions from six months to 13 years. Therefore, it was possible to reflect over the necessities of the person with ID in the adult phase and understand which biological symptoms, health, social relationships, autonomy and disposition, in the life of the subjects, are interconnected. It's understood that it's necessary to exercise the body and mind living in society and practicing daily life activities and physical activities. In addition, it had been learned a little about the operation of Special Education and the potential interests of these subjects, and thus it can be understood that these subjects have needs to exercise the body and mind, and this transformation only occurs living in society and practicing activities, both of mental health and physical.

Keywords: Special Education. Autonomy. Adult phase. Aging.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pesquisas na plataforma Capes	36
Figura 2 - Caixinhas confeccionadas pelos alunos	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisas na plataforma Capes.....	18
Quadro 2 - Identificação dos professores.....	29
Quadro 3 - Identificação dos sujeitos	30
Quadro 4 - Atividades de vida diária realizada pelos sujeitos	39
Quadro 5 - Sintomas biológicos dos sujeitos.....	43

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLA

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDH	Comissão de Direitos Humanos do Senado
COMDICA	Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
DI	Deficiência Intelectual
DUBDH	Declaração sobre Bioética e Direitos Humanos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RS	Rio Grande do Sul
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TST	Técnico em Segurança do Trabalho
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	12
1	INTRODUÇÃO	14
1.1	OBJETIVOS.....	15
1.1.1	Objetivo geral	15
1.1.2	Objetivos específicos	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	O ENVELHECIMENTO EM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL .	16
2.2	A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA NA VIDA DESSES SUJEITOS	22
2.2.1	Definição de autonomia	22
2.3	LEGISLAÇÃO VOLTADA A PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS.....	23
2.4	LEGISLAÇÃO VOLTADA AO IDOSO COM NECESSIDADES ESPECIAIS....	24
2.5	ENVELHECIMENTO PRECOCE	25
3	METODOLOGIA	27
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	27
3.2	INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	27
3.3	LOCUS DE PESQUISA.....	28
3.4	SUJEITOS DA PESQUISA	29
3.5	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	30
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	32
4.1	CATEGORIA 1: SAÚDE	34
4.2	CATEGORIA 2: RELAÇÕES SOCIAIS	36
4.3	CATEGORIA 3: AUTONOMIA	38
4.4	CATEGORIA 4: DETERMINAÇÃO/DISPOSIÇÃO	41
4.5	CATEGORIA 5: SINTOMAS BIOLÓGICOS	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICE A - QUESTÕES PARA A INSTITUIÇÃO/PROFESSOR	51
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	54
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA RESPONSÁVEIS LEGAIS	56

APRESENTAÇÃO

Olá, meu nome é Regina Puntel da Costa Silva, tenho 50 anos, sou graduanda de Educação Especial, ingressei no 2º semestre de 2018, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Minha história na Educação Especial começa a fazer sentido quando comecei estudar em uma escola municipal na cidade de Dom Pedrito, na primeira série (entrei com quase oito anos, pois meu aniversário é no mês de setembro). Na época, sofria *bullying* por ser canhota, era chamada pela professora de filha do diabo, aberração, ela falava que eu não era certa (o que me causou a ideia que eu fosse “retardada”, pensei assim até a 7ª/8ª série).

Diante disso, não conseguia assimilar as letras e as palavras, porque era obrigada a escrever com a mão direita e isso me causava muita dor de cabeça durante as aulas (só anos depois percebi que esse era o motivo), levei muitos beliscões e reguadas por escrever com a mão “errada”.

Pior que isso era a chantagem emocional que a professora fazia, não podia contar para minha mãe e meu pai... Nem da mão que tinha que escrever, nem dos beliscões, nem das reguadas e nem da agressão verbal. Custei muito conseguir contar para a mãe partes do que acontecia, até porque eu achava mesmo que era retardada e que a culpada era realmente eu, pois eu era “burra”. Ao saber dos fatos, minha mãe foi à escola e exigiu mais respeito da professora em relação a mim e que ela estaria proibida de me forçar a escrever com a mão direita sob o risco de denunciá-la.

Minha libertação só aconteceu quando mudamos para outro estado, tinha 14 anos. Na nova escola, aquela Regina que não reclamava de nada e não pedia ajuda aos professores simplesmente morreu, me tornei uma pessoa “normal”, me sentia assim porque estava em um lugar que ninguém me conhecia, ninguém poderia imaginar que eu teria sido uma “retardada” e/ou “burra”, me senti segura e me tornei uma aluna mais ativa e participativa. Fico imaginando se não fosse essa mudança o que seria de mim hoje...

Aos 24 anos, tive meus filhos José Renato e Ana Cristina, meus maiores tesouros, tentei ensinar e educar da melhor forma possível para que eles tivessem um futuro menos complicado.

Aos 14 anos, meu filho esteve depressivo, não queria estudar, comer e nem falar. Para conseguir que ele continuasse os estudos, obriguei-o a fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); propus fazer com ele e, caso ele tirasse nota mais baixa que a minha, ele iria trabalhar em uma fazenda (na lavoura) de um amigo. Ele conseguiu passar para a UFSM, Bacharelado em Piano e eu consegui pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) o curso Técnico em Segurança do Trabalho (TST). Assim, mudamos para Santa Maria, me formei há 6 anos TST.

Há 4 anos, foi a vez de minha filha. Ela estava tentando ingressar na UFSM no curso de Arquitetura, com isso, fiz a prova do ENEM novamente. Para não ser diferente (no momento da prova estava em tratamento para câncer de mama, fazendo quimioterapias), novamente fui com a proposta de ela tirar nota melhor que a minha, e ela realmente tirou muito superior à minha... (risadas).

Por causa justamente dessa prova e de minha filha que estou aqui hoje, com 50 anos, contando minha história. Não pensei que chegaria tão longe dessa vez, mas estou na expectativa de me formar Educadora Especial em poucos meses em uma Universidade Federal, quanto orgulho, quanta honra poder fazer parte da UFSM!

1 INTRODUÇÃO

Esse projeto teve como prioridade os adultos com Deficiência Intelectual (DI) na fase de envelhecimento. Assim, foram localizadas duas instituições/escola que acompanham esse público-alvo da pesquisa, possibilitando a observação da autonomia e qualidade de vida desses sujeitos.

Desse modo, a pesquisa foi realizada para conhecer esse perfil de pessoas, visto que, com o avanço da idade, algumas pessoas tendem a ter déficit da memória, ansiedade, desconfiança, mudanças de humor, depressão, fala embaralhada, fala repetitiva, entendimento reduzido, indiferença na sua aparência e alterações na personalidade e do senso crítico.

Entretanto, sabe-se que o comprometimento cognitivo, em maior grau, pode afetar a capacidade funcional do indivíduo no seu dia a dia, implicando perda de independência e autonomia, com consequente perda da qualidade de vida do idoso. Nessa fase da vida, onde as perdas físicas, afetivas e sociais são superiores aos ganhos, os idosos tornam-se mais propensos a desenvolverem certas doenças mentais, como a depressão e as demências (OLIVEIRA, 2019).

Na velhice, frequentemente ocorrem alterações em diferentes áreas da cognição, que envolvem o funcionamento mental, como as habilidades de pensar, de perceber, de lembrar, de sentir, de raciocinar e de responder aos estímulos externos (RABELO, 2009).

Pode-se afirmar, então, que uma parte da perda de sentidos intelectuais origina-se da falta de atividade usual de uma vida pessoal desenvolvida. De acordo com Vygotsky (1996 apud SILVA, 2016, p. 9):

[...] o que define o desenvolvimento de uma pessoa não é a deficiência, mas as consequências sociais que contribuem para que este desenvolvimento aconteça, sendo necessário que os deficientes superem não só os desafios da aprendizagem, mas também as dificuldades criadas pela deficiência. [...].

Ademais, para Silva (2019, p. 9):

O envelhecimento de uma pessoa com deficiência intelectual é um ciclo delicado na vida das famílias, que muitas vezes coincidem com a de seus pais. Por isso as famílias devem preparar e não superproteger pessoas com deficiências intelectuais, devendo estas serem treinadas para sua autonomia e independência, o que vem contribuir com o convívio social e para um envelhecimento saudável e de qualidade, prevenindo declínio funcional e cognitivo.

Com isso, percebe-se o quão necessário é orientar esses adultos com DI que muito provavelmente não tiveram oportunidade de estudar em escolas regulares quando eram crianças, visto que o advento da educação inclusiva não abarca a idade do público-alvo desta pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Conhecer as necessidades da pessoa com DI na fase adulta para se manter autônomo, a fim de discutir as possibilidades de melhorar seu funcionamento para se tornar mais independente.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) investigar a atuação dos profissionais da Educação Especial, Educação Social e Pedagogia ao atendimento à pessoa com DI na fase adulta;
- b) conhecer as necessidades da pessoa com DI no envelhecimento para se manter autônomo, a fim de discutir as possibilidades de melhorar seu funcionamento para se tornar mais independente;
- c) verificar as áreas de interesse e potenciais dos sujeitos na fase adulta com DI para entender suas necessidades para manter-se ativo;
- d) entender a relação entre os sintomas biológicos, saúde, relações sociais, autonomia e disposição na vida das pessoas idosas com DI.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, o texto fala sobre a legislação que rege as pessoas com deficiência intelectual relacionando ao envelhecimento e autonomia dos sujeitos. Assim, foi possível relacionar o referencial teórico aos indivíduos entrevistados.

2.1 O ENVELHECIMENTO EM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

O envelhecimento vem com a bagagem cheia de sabedoria por momentos vividos, pelas perdas e ganhos, muitos deles inesquecíveis, porém a potência do corpo e da mente já não são a mesma da juventude, começam as dificuldades de aceitar as limitações impostas ao corpo e mente. De acordo com Farias, Pereira e Keyse (2019):

Toda pessoa com mais de 60 anos é um idoso, segundo definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). A agência ligada à Organização das Nações Unidas (ONU) ainda classifica o envelhecimento em quatro estágios: meia-idade, de 45 a 59 anos; idoso, de 60 a 74; ancião, de 75 a 90; e velhice extrema, acima de 90 anos.

Sabe-se da existência de um Projeto de Lei que propõe que a idade de um DI idoso seja a partir dos 50 anos de idade. Segundo o Senado Notícias (2021), o Projeto de Lei originou-se da Câmara dos Deputados, sendo autor da proposta o deputado federal Eduardo Barbosa (PSDB-MG 2019).

O projeto que permite considerar como idosa a pessoa com deficiência a partir dos 50 anos (PL 401/2019) foi aprovado nesta segunda-feira (30) pela Comissão de Direitos Humanos do Senado (CDH). O texto segue para votação no Plenário do Senado (SENADO NOTÍCIAS, 2021).

Em relação às pessoas com DI no período de envelhecimento, Santos (2021, p. 2) afirma que: “[...] Estado, Família e Sociedade devem atuar com cautela, sem jamais limitar o exercício da autonomia de pessoas com deficiência intelectual, excluindo-as, quando deveriam protegê-las”.

Ainda, Ramos (2003, p. 794) constata que:

Envelhecimento saudável, dentro dessa nova ótica, passa a ser a resultante da interação multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica. A perda de um ente querido, a falência

econômica, uma doença incapacitante, um distúrbio mental, um acidente, são eventos cotidianos que podem, juntos ou isoladamente, comprometer a capacidade funcional de um indivíduo.

Na pesquisa de Mota, Oliveira e Batista (2017), pode-se observar que, durante o envelhecer, podem ocorrer várias mudanças, tanto físicas como psicológicas, ambientais e sociais, déficits cognitivos e problemas com a saúde. Um envelhecimento saudável necessita uma dieta adequada, atividades físicas e contínuo contato com as pessoas, isso ajuda a melhorar a autoestima e autoconfiança dos idosos, preservando sua independência física e psíquica e também sua saúde, daí a necessidade de criar condições para um envelhecimento saudável.

As potencialidades do indivíduo podem ser melhoradas com exercícios que desenvolvam a autonomia, mediante o planejamento e execução de atividades de acordo com as conclusões da pesquisa de Wertonge, Castro e Lehnhart (2021). Os autores salientam “que é imprescindível oferecer oportunidades de execução das tarefas para que o sujeito possa aprimorar suas habilidades e desempenho” (WERTONGE; CASTRO; LEHNHART, 2021, p. 317).

A base da autoadvocacia provém da participação da família e é de relevante importância na vida adulta, como se pode perceber de acordo com o que Silva *et al.* (2020, p. 2) dialogam:

A autoadvocacia está interligada ao processo de empoderamento e pode ser definida como a capacidade do indivíduo de falar ou agir por si mesmo, tomando decisões e assumindo a responsabilidade por elas. Os componentes da autoadvocacia incluem o conhecimento de si, conhecimento dos direitos, comunicação e liderança.

A Organização Mundial da Saúde (2005) afirma que muitas vezes o declínio cognitivo é ocasionado por desuso, doenças, fatores comportamentais, psicológicos e sociais, mais do que pelo envelhecimento em si, podendo essas perdas serem compensadas por ganhos em sabedoria, em conhecimento e em experiência.

Seguindo essa linha, Trentin e Raitz (2018, p. 716) dizem em suas pesquisas que:

O jovem com deficiência, assim como qualquer jovem, almeja um lugar na sociedade, deseja obter bens de consumo, trabalhar e também dar continuidade aos estudos. Esses sonhos e desejos são inerentes ao jovem,

independente de possuir ou não uma deficiência. É na busca pela realização dos sonhos e desejos, que surge a escola.

Para ter um bom emprego e ser autossuficiente, é necessário um mínimo de conhecimento, começando por saber ler, entender os números, fazer cálculos, entre outros. Isso só é possível através da educação, mesmo que essas habilidades sejam de maneira funcional, e não necessariamente como o currículo escolar prima.

Assim sendo, em suas pesquisas, Trentin e Raitz (2018, p. 719) falam com propriedade que:

Em síntese, considera-se pertinente salientar a importância da educação na vida das pessoas com deficiência, pois esta não cumpre apenas o ofício de preparar as pessoas com limitações para se adaptarem à sociedade e ao mundo do trabalho. Na medida do possível, a educação as prepara para que possam compreender a realidade que as cerca em sua complexidade e historicidade, atuando em prol de formas mais humanizadas de existência social.

Em relação à educação escolar, para Forreta e Alves (2019):

A oportunidade de voltar a estudar também é destacada como uma oportunidade instrumental de responder às exigências da vida adulta e contrariar as dificuldades que impõem limites à independência e autonomia, nomeadamente na leitura e no manuseamento do dinheiro.

Todas essas pesquisas mostram a necessidade da educação escolar para esses sujeitos se tornarem mais produtivos e independentes, como pode-se observar no Quadro 1, que apresenta as pesquisas feitas na plataforma de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para melhorar a compreensão sobre a DI, autonomia e vida adulta desses sujeitos.

Quadro 1 - Pesquisas na plataforma Capes

(continua)

ANO	TÍTULO	AUTOR(ES)	
2021	Deficiência intelectual, vulnerabilidade e autonomia no Brasil	Ivone Laurentino dos Santos	1
2019	A concretização da autonomia existencial e a Lei n. 13.146/15: apontamentos sobre o casamento da pessoa com deficiência	Débora Gozzo e Juliano Ralo Monteiro	2
2012	Inclusão social de um paciente com déficit intelectual moderado por meio de repertório verbal	Juliana Francisca Cecato, Bruna Fiorese, Luana Luz Bartholomeu, Eliana Leite Bastos, Ana Maria Serafim Grigolato e José Eduardo Martinelli	3

(conclusão)

ANO	TÍTULO	AUTOR(ES)	
2019	Habilidades adaptativas sociais e conceituais de indivíduos com deficiência intelectual	Elaine Custódio Rodrigues Gusmão, Genival Silva Matos, João Carlos Alchieri e Tânia Couto Machado Chianca	4
2021	Privacidade e autonomia de um adulto com deficiência intelectual	Geovana Silva Wertonge, Sabrina Fernandes de Castro e Gabriela Brutti Lehnhart	5
2018	Educação e trabalho: formação profissional para jovens com deficiência intelectual na escola especial	Valéria Becher Trentin e Tânia Regina Raitz	6
2019	Efeito Bumerangue: trajetórias educativas dos indivíduos classificados na categoria deficiência intelectual	Maria Forreta e Natália Alves	7
2022	O trabalho remoto de psicólogos com pessoas com deficiência intelectual na pandemia	Aline Cristina Ferreira, Juliana Soares de Jesus e Vera Lucia Trevisan de Souza	8
2013	Adultos com deficiência intelectual incluídos na educação de jovens e adultos: apontamentos necessários sobre adulez, inclusão e aprendizagem	Katiuscha Lara Genro Bins	9
2015	A influência do kundalini yoga no equilíbrio de deficientes intelectuais em processo de envelhecimento	Bruno Sartoni, Cristina Yamada e Frank Roger Defanti e Souza	10

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Para encontrar esses artigos foram utilizadas as palavras-chave: deficiência intelectual, envelhecimento, vida adulta e autonomia.

O artigo de Santos (2021), “Deficiência intelectual, vulnerabilidade e autonomia no Brasil”, priorizou pesquisar a vulnerabilidade, autonomia e dignidade das pessoas com DI, deixando evidente que, no Brasil, não se apresentam leis com clareza no sentido das disparidades sociais. Declara-se que discutir questões relativas a essa vulnerabilidade social só é possível, hoje, a partir da promulgação da Declaração sobre Bioética e Direitos Humanos (DUBDH) da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Após discussões, entende-se a necessidade de defender um mundo igualitário, inclusivo e solidário, onde esses cidadãos e cidadãs exerçam plenamente sua cidadania e participem ativamente das decisões que o abrangem.

Em seguimento, o texto de Gozzo e Monteiro (2019), “A concretização da autonomia existencial e a Lei n. 13.146/15: apontamentos sobre o casamento da pessoa com deficiência”, faz uma análise histórica da DI no Brasil. Os autores fazem apontamentos sobre o casamento da pessoa com deficiência intelectual. O artigo da citada Lei vela pelo casamento desses sujeitos não poder ser celebrado sem o consentimento dos mesmos, tendo necessidade do consentimento livre esclarecido

da pessoa, e tendo também por objetivo a integração da pessoa na sociedade, possuindo eles autonomia privada.

Na pesquisa de Cecato *et al.* (2012), “Inclusão social de um paciente com déficit intelectual moderado por meio de repertório verbal”, o objetivo foi estimular e fazer treinamentos para promover o máximo de autonomia e independência, identificar comportamentos verbais inadequados em um indivíduo deficiente intelectual moderado e instalar comportamentos verbais que favoreçam sua inclusão. Houveram resultados no comportamento após treino de repertórios verbais do indivíduo nas atividades de vida diária.

Para Gusmão *et al.* (2019), “Habilidades adaptativas sociais e conceituais de indivíduos com deficiência intelectual”, o ambiente é o principal fator no desenvolvimento intelectual do indivíduo, dado que a criança sofre influências e recebe estímulos que impactam seu processo de crescimento, tanto social quanto no desenvolvimento intelectual. Daí a necessidade da inserção nas escolas e da convivência social, pois as habilidades sociais são aprendidas.

Também, nesse sentido, para Wertonge, Castro e Lehnhart (2021), no artigo “Privacidade e autonomia de um adulto com deficiência intelectual”, para a educabilidade de adultos com deficiência intelectual, é necessário pensar no tipo de apoio que estes precisam para desenvolver novas potencialidades, a partir de suas necessidades, visando sua autonomia em atividades funcionais. Por isso, há a necessidade de planejamento de apoios, de propor intervenções que favoreçam o desenvolvimento da autonomia desses sujeitos. É imprescindível oferecer oportunidades de execução das tarefas para que o sujeito possa aprimorar suas habilidades e desempenho.

Ainda, para Trentim e Raitz (2018), no texto “Educação e trabalho: formação profissional para jovens com deficiência intelectual na escola especial”, o jovem com deficiência, assim como qualquer jovem, almeja um lugar na sociedade e deseja obter bens de consumo, trabalhar e também dar continuidade aos estudos. Esses sonhos e desejos são inerentes ao jovem, independentemente de possuir ou não uma deficiência. Dessa forma, preparar o jovem para o trabalho envolve propiciar experiências que possibilitem suas escolhas e o confronto de suas expectativas com a realidade.

Na opinião de Forreta e Alves (2019), em “Efeito Bumerangue: trajetórias educativas dos indivíduos classificados na categoria deficiência intelectual”, à escola

é atribuído um papel importante na inversão das dificuldades funcionais. Eles esperam que os conhecimentos adquiridos se traduzam em uma efetiva capacidade de resolução de problemas e situações do dia a dia, que exigem o recurso à leitura, escrita e gestão do dinheiro, dificuldades que constituem barreiras à sua inclusão e autonomia. A quase totalidade dos participantes não se conforma com o fim da sua condição de estudante e, à primeira oportunidade, procura ascender a novas ofertas educativas, entrando e saindo da escola repetidamente (como bumerangue) até à obtenção da certificação que julgam estar ao seu alcance.

De acordo com Ferreira, Jesus e Souza (2022), no trabalho “O trabalho remoto de psicólogos com pessoas com deficiência intelectual na pandemia”, a dificuldade de comunicação, de compartilhamento de significados e de manuseio à tecnologia são obstáculos para o desenvolvimento de pessoas com deficiência. A atividade de contar e ouvir histórias potencializa espaços de desenvolvimento e de partilha de sentidos e significados, sem negação das diferenças e necessidades adaptativas, mas enquanto possibilidade de construção conjunta de caminhos possíveis para uma inclusão efetiva.

Do ponto de vista de Bins (2013), na tese “Adultos com deficiência intelectual incluídos na educação de jovens e adultos: apontamentos necessários sobre adulez, inclusão e aprendizagem”, a escola ainda não está preparada para trabalhar com as diferenças, é necessário ir além e garantir-lhes o direito de oportunidades educacionais e aprendizagens concretas. Há a necessidade de trabalhar melhor os conceitos sobre deficiência intelectual, as frustrações e os limites dos professores, para poder promover práticas inclusivas. Entender que os sujeitos diferem em seus estímulos sociais, afetivos e biológicos, analisar como cada sujeito aprende e qual seu objetivo e intencionalidade com a escola, para, então, construir um plano pedagógico para cada educando. É preciso saber quem é esse sujeito, relacionando suas aprendizagens e potencialidades sob a perspectiva do seu diagnóstico, seja ele clínico ou social.

Como descrito por Sartoni, Yamada e Souza (2015), no artigo “A influência do kundalini yoga no equilíbrio de deficientes intelectuais em processo de envelhecimento”, foi criado um grupo de Yoga contendo oito DI com idade média de 41 anos, os quais participaram voluntariamente da pesquisa. Os participantes praticaram aulas semanais de Yoga durante dezoito meses, tendo sido avaliados em três etapas utilizando a Escala de Equilíbrio de Berg. Verificou-se uma melhora

significativa da pontuação do grupo na escala, sendo que quatro dos participantes obtiveram nota máxima após a realização das práticas. Dessa maneira, a prática de Yoga pode ter possibilitado a melhora do equilíbrio e a percepção de potencialidades antes desconhecidas, que ficam evidentes quando o foco está dirigido aos aspectos saudáveis de cada indivíduo. Portanto, dentro desse artigo, pode-se considerar que a prática de Yoga, ou outras atividades que propõem a concentração aliada à coordenação motora, é essencial para um envelhecimento saudável.

De acordo com os artigos lidos, é possível dizer que esses sujeitos, que convivem socialmente e exercitam a mente e o corpo, possuem mais desenvoltura devido aos estímulos recebidos e à continuação desses estímulos.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA NA VIDA DESSES SUJEITOS

2.2.1 Definição de autonomia

Para Reichert e Wagner (2007), a autonomia é entendida como a capacidade do sujeito decidir e agir por si mesmo, com o pressuposto de que o desenvolvimento e a aquisição dessa habilidade sofrem a influência do contexto em que o jovem se desenvolve. Da mesma forma, para Gusmão *et al.* (2019, p. 2):

A autonomia está associada ao desenvolvimento de habilidades adaptativas, e o seu não desenvolvimento pode resultar na falta de independência, afetando tanto o dia a dia das pessoas com DI quanto sua capacidade de resposta a mudanças de vida e de demandas do ambiente.

Sendo assim, Wertonge, Castro e Lehnhart (2021), ao analisarem os níveis de apoio de atividades nos três domínios (vida doméstica, comunitária e aprendizagem ao longo da vida), em jovens e adultos com DI, ficou evidenciada uma diminuição significativa nos índices de necessidade de apoio.

Evidencia-se, portanto, a importância de trabalhar atividades que desenvolvam a autonomia, autodeterminação, autogerenciamento e autoadvocacia de adultos com DI, sobretudo com respeito e atenção a aspectos como privacidade. Sempre entendendo as demandas de cada sujeito, com planejamentos centrados na pessoa, nas suas necessidades e interesses pessoais, a fim de favorecer uma melhora no funcionamento no cotidiano doméstico, profissional e comunitário, focando no desenvolvimento do seu potencial, bem-estar e realização pessoal (WERTONGE; CASTRO; LEHNHART, 2021, p. 317).

A partir da análise dos níveis de apoio, observa-se a necessidade da participação da família em estimular esse indivíduo para a autonomia. É de grande importância a interação entre família e escola para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, como pode-se observar na conclusão de Oliveira *et al.* (2019, p. 107):

A participação dos pais em grupos de intervenção e programas de auxílio poderá ser de muita ajuda, uma vez que auxiliam no incremento de informações e de recursos de adaptação, possibilitando a partilha de experiências com outras pessoas que estão em realidades semelhantes. É relevante também oferecer atividades que estimulem as atividades básicas e instrumentais de vida diária precocemente, a fim de promover maior autonomia do deficiente.

Assim, é possível verificar também a necessidade da escola na vida desses sujeitos para sua autonomia, como explica Forreta e Alves (2019):

[...] à escola é atribuído o papel importante na inversão das dificuldades funcionais. Eles esperam que os conhecimentos adquiridos se traduzam numa efetiva capacidade de resolução de problemas e situações do dia-a-dia, que exigem o recurso à leitura, escrita, e gestão do dinheiro, dificuldades que constituem barreiras à sua inclusão e autonomia.

As pessoas com deficiências são protegidas por lei, tendo direito à educação plena e assistência, como será abordado no próximo tópico. Assim, entende-se que, pela falta de comprometimento por parte da sociedade na vida dessas pessoas, é necessário que a legislação seja colocada em prática para que a pessoa com deficiência possa usufruir desses benefícios, assim exercendo seus direitos.

São indivíduos que já estão à margem da sociedade por possuírem uma deficiência, e acabam por adquirir um segundo fator que os torna enfadonho, que é o envelhecimento, e os fatores excludentes dessas situações se somam, tornando ainda mais difícil para a pessoa com DI envelhecer ativo na sociedade.

2.3 LEGISLAÇÃO VOLTADA A PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

Acerca das Leis que tratam sobre as pessoas com deficiências, apresenta-se o Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, que surgiu através da necessidade da criação de um regulamento que assegurasse os direitos dessas pessoas, inclusive em fase de envelhecimento em específico, que não possuem

tanta atenção, nem estrutura adequada para atendê-los. Nesse sentido, destaca-se o parágrafo único, referentes aos artigos nºs 28, 42 e 43.

O processo de habilitação e de reabilitação tem por objetivo o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida;

[...]

Art. 42. A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

...Entre vários outros direitos está assegurado a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Braille...

Art. 43. O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu protagonismo, devendo:

I - incentivar a provisão de instrução, de treinamento e de recursos adequados, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas;

II - assegurar acessibilidade nos locais de eventos e nos serviços prestados por pessoa ou entidade envolvida na organização das atividades de que trata este artigo; e

III - assegurar a participação da pessoa com deficiência em jogos e atividades recreativas, esportivas, de lazer, culturais e artísticas, inclusive no sistema escolar, em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

Para as instituições, é necessária a disponibilidade dos registros atualizados sobre as condições de saúde, saber o grau de dependência funcional, as deficiências físicas e cognitivas dessas pessoas para o monitoramento das alterações sobre o estado inicial. Ademais, tem-se no Brasil o Estatuto do Idoso, que lhes garante direitos à educação, produtos e serviços, sendo este apresentado no capítulo seguinte.

2.4 LEGISLAÇÃO VOLTADA AO IDOSO COM NECESSIDADES ESPECIAIS

De acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa, Lei nº 10.741, é possível ressaltar o direito reservado a esses sujeitos de ir e vir na sociedade como qualquer outra pessoa. O capítulo dois do estatuto refere-se ao Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade da pessoa idosa, conforme o artigo 10:

Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de

direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.

§ 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

I – faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II – opinião e expressão;

III – crença e culto religioso;

IV – prática de esportes e de diversões;

V – participação na vida familiar e comunitária;

VI – participação na vida política, na forma da lei;

VII – faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

§ 2º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

CAPÍTULO V - Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer - Art. 20. A pessoa idosa tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O poder público criará oportunidades de acesso da pessoa idosa à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ela destinados.

§ 1º Os cursos especiais para pessoas idosas incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização da pessoa idosa, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (BRASIL, 2003).

Dessa forma, pode-se observar que é necessário o atendimento ao idoso com deficiência intelectual de acordo com as normas e regulamentos vigentes em lei e necessários para a promoção da sua autonomia.

2.5 ENVELHECIMENTO PRECOCE

Dentre as pesquisas, foram encontrados estudos que mostram evidências de que as pessoas com necessidades especiais podem apresentar envelhecimento precoce, portanto, é difícil definir qual idade cronológica para considerá-la idosa. Nesse sentido, Alves (2012 apud GIRARDI; PORTELA; COLUSSI, 2012, p. 83) reforça:

[...] que o ciclo de vida do portador de deficiência mental apresenta um paradoxo muito próprio, destacando que esses indivíduos têm uma idade intelectual, cultural e social muito baixa se comparada com a cronológica. Entretanto, o seu processo de envelhecimento revela-se mais veloz quando comparado com o do restante da população.

Assim também, Rosa (2015 apud MOREIRA *et al.*, 2019, p. 2-3) cita:

[...] o reconhecimento do envelhecimento precoce nas pessoas com SD pela sociedade e pelos órgãos públicos, pode proporcionar melhor planejamento de ação em várias áreas: Medicina preventiva e curativa, Psicologia e Gerontologia, refletindo em novas oportunidades de inclusão social.

Geralmente, os cuidados nas pessoas em fase de envelhecimento são focados na administração de remédios, cuidado da higiene pessoal, vestir, despir, locomover de um lugar para o outro, subir e descer escadas, sentar, levantar e deitar na cama. Ainda, existe a problemática de que o cuidador e/ou a família da pessoa com deficiência intelectual envelhece junto com ele, dificultando manter os cuidados devidos por tais motivos.

Um estudo realizado na grande Florianópolis/SC avaliou a qualidade de vida e a sobrecarga de cuidadores informais de pessoas com deficiência intelectual. Esse estudo indicou que quanto maior a sobrecarga de atividade do cuidador, pior a qualidade de vida avaliada (PIMENTA; RODRIGUES; GREGUOL, 2010). O impacto negativo na qualidade de vida foi relacionado com a responsabilidade pelo cuidado, a falta de recursos financeiros e logísticos e a dependência. O estudo também mostrou que as principais cuidadoras são as mulheres (mães) e que elas dedicavam mais de oito horas por dia aos cuidados (PIMENTA; RODRIGUES; GREGUOL, 2010).

Pensando nesses cuidadores e na própria pessoa com DI, existe a necessidade deste de sair de casa. Com isso, é possível que o mesmo consiga ter outras perspectivas de vida e evoluir suas habilidades, vivendo em sociedade sem ser o centro das atenções, como seria dentro de casa, conseqüentemente dando um descanso ao seu cuidador e à família.

Existem várias possibilidades de criar espaços para encontros semanais, como em clubes, organizações religiosas e/ou centros comunitários, por exemplo, onde esses sujeitos possam interagir, jogar, dançar, conversar e trocar ideias.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentar-se-á a forma que a pesquisa tomou. É possível perceber que a dinâmica da pesquisa foi realizada em duas instituições, sendo ela qualitativa, por meio de entrevistas a cinco sujeitos com DI e suas respectivas professoras. A seguir será detalhada a metodologia.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Nessa pesquisa, tomou-se como base a abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios. Desse modo, nesta pesquisa, foram observadas as atitudes dos sujeitos com DI em fase de envelhecimento, o relacionamento e a maneira como se inter-relacionam com outras pessoas, com os funcionários da instituição e com o ambiente em que estão inseridos.

O caso estudado se adéqua às características citadas, por ser realizado em uma associação e em uma escola pública com pessoas em vulnerabilidade social, que também são parte de diversas outras estatísticas. Ao considerar esse cenário, partiu-se para uma abordagem mais inclusiva.

3.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento de pesquisa utilizado nessa investigação foi a entrevista, sendo composta por 14 perguntas às professoras e 11 perguntas aos alunos. O roteiro de entrevista encontra-se no Apêndice A. A entrevista, de acordo com Gil (2008, p. 117), é a “técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”.

Para a realização deste estudo, foram feitas as entrevistas com a Educadora Especial e a Educadora Social e os sujeitos com DI, em uma Associação e em uma escola.

3.3 LOCUS DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em duas instituições: a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e a Escola Antônio Francisco Lisbôa, ambas localizadas na cidade de Santa Maria - RS.

Segundo informações fornecidas pela Coordenadora (P5), a Associação possui 78 alunos com DI, sendo 12 com mais de 45 anos. Nesse sentido, para as pesquisas, foi firmada a autorização pela P5 que atua na associação há mais de 13 anos, sendo sua formação em Psicologia.

De acordo com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA), a APAE SM foi fundada em 30 de abril de 1966. A instituição tem como profissionais: psicólogos, assistente social, terapeuta ocupacional, traumatologista, neuropediatria, pedagogos, educadores especiais, fonoaudiólogos e fisioterapeutas. É uma associação civil, ou seja, uma união de pessoas que se organizam para fins não econômicos.

Conforme fornecido pela Associação, a instituição tem o objetivo de promover a melhoria da qualidade de vida de seus usuários, assegurando direitos sociais garantida cidadania, estimulando e desenvolvendo potencialidades dos sujeitos. E sua missão é: “A promoção e articulação de ações de defesa dos direitos, direcionada a melhoria na qualidade de vida das pessoas com deficiência”. Além disso, tem como MISSÃO a promoção e articulação de ações de defesa dos direitos, direcionada à melhoria na qualidade de vida das pessoas com deficiência; e como VISÃO ser um Centro de Referência em habilitação e reabilitação, atuando com excelência no aprimoramento de conhecimentos e resultados. Seus valores são pautados na qualidade, sensibilidade, comprometimento, inovação e conhecimento.

Por sua vez, segundo documentos fornecidos pela entidade, a Escola Antônio Francisco Lisbôa foi fundada por Haidée Cadeco Zorzan em 26 de junho de 1954. Possui 130 alunos com DI, sendo 15 com mais de 45 anos. Para as pesquisas, foi firmada a autorização pela P6, que é professora de Educação Física e atua na escola há 13 anos. A escola possui fisioterapeuta, fonoaudióloga, psicóloga e terapeuta ocupacional e três educadoras especiais com mais de 5 anos de permanência na mesma. É uma associação privada (sem fins lucrativos).

Segundo o relatório anual de 2021 da escola, seus objetivos são:

- a) oferecer serviços especializados, gratuitos, com uma equipe interdisciplinar, promovendo a autonomia das pessoas com deficiências, transtornos psíquicos e emocionais, trabalhando vínculo familiar;
- b) desenvolver a independência das pessoas com deficiências realizando a inclusão social.

Como sua missão tem-se: “Desenvolver um trabalho multidisciplinar que possa viabilizar as pessoas com deficiências e a seus familiares, bem estar pessoal, social e econômico, sendo paradigma de direito, autonomia e inserção social”.

3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

O interesse foi conhecer adultos com DI e saber como é sua independência e autonomia. O critério utilizado para a escolha foi as idades dos sujeitos, a partir dos 45 anos. Dessa maneira, foram selecionadas cinco pessoas com DI em fase de envelhecimento, a fim de se conhecer seus interesses, história de vida, suas necessidades e capacidades. Também, foram selecionadas suas professoras e um responsável pela instituição para informar alguns dados do local, conforme informado no item 4.2.

No Quadro 2, vê-se a descrição dos profissionais entrevistados e suas respectivas identificações - com seus nomes reais preservados. Pode-se observar que, dos seis professores entrevistados, uma é professora de Educação Especial, uma é psicóloga, uma é professora da Educação Social e três são professoras regulares, atuantes nas instituições de seis meses a 13 anos.

Quadro 2 - Identificação dos professores

ID do profissional	Atuação na entidade	Formação acadêmica	Tempo na entidade	Aluno pesquisado	Escola/ Entidade
P1	EJA2	Educação Especial	5 anos	Terra	Apae
P2	Professora	Educador Social	6 meses	Vento	Apae
P3	Professora	Professora	13 anos	Neve	Lisbôa
P4	Professora	Professora	7 anos	Fogo	Lisbôa
P3	Professora	Professora	13 anos	Ar	Lisbôa
P5	Coordenadora	Psicologia	13 anos		Apae
P6	Diretora	Professora Ed. Física	13 anos		Lisbôa

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Assim, é possível verificar que os cinco participantes têm idade entre 45 e 50 anos e estão na instituição há mais de 10 anos. Ademais, os nomes fictícios dos sujeitos foram assim escolhidos por serem elementais ao Planeta Terra, assim como as pessoas com deficiência são elementais para a sociedade, que atualmente tem muito a evoluir.

No Quadro 3, apresenta-se a identificação das pessoas com DI pesquisadas.

Quadro 3 - Identificação dos sujeitos

Nome do Aluno	Idade	Tempo na Instituição	Obrigações na escola/associação	Onde vive
Terra	46	28 anos	Participar de atividades que a escola proporciona e horários	Em um lar
Vento	50	18 anos	Higienização, cuidar os materiais e cuidar os horários.	Em casa com os pais
Neve	50	+ de 30 anos	Higienização, cuidar os materiais e cuidar os horários.	Em casa com o pai e a madrasta
Fogo	49	+ de 10 anos	Higienização, cuidar os materiais e cuidar os horários.	Em casa com a mãe e o padrasto
Ar	45	+ de 20 anos	Higienização, cuidar os materiais e cuidar os horários.	Em casa com a mãe e irmã

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, agendou-se com o responsável pela APAE uma entrevista a fim de coletar informações sobre os sujeitos, as educadoras e do andamento da associação. O interesse foi aproveitar o momento para conhecer as possibilidades que a instituição oferece e para realizar algumas visitas e, se possível, solicitar informações necessárias para ajudar na coleta dos dados da pesquisa.

Da mesma forma, com a Escola Antônio Francisco Lisbôa, foram recebidos a permissão, os endereços e coletadas as assinaturas dos responsáveis e alunos. Ao realizar as entrevistas, foram necessárias algumas regras, que em pesquisas acadêmicas devem ser lembradas: explicar os motivos da pesquisa e perguntar se os dados revelados podem ou não ser publicados. De antemão, ficarão cientes que os nomes utilizados serão fictícios.

Na coleta de dados, foram entrevistados separadamente o educador especial e o adulto com DI em fase de envelhecimento, sendo o questionário formulado ao

longo do estudo (como, por exemplo: Que atividades gostam de fazer? Que assuntos gostam de falar? Que objetivos eles têm?) com a finalidade de entender suas preferências. Os adultos com DI em fase de envelhecimento foram escolhidos de acordo com suas idades, do mais velho para o mais novo.

No ano de 2022, as entrevistas foram feitas em dias diferentes, duas alunas e duas professoras foram entrevistadas no dia 11 de novembro na APAE. Também, dois alunos foram entrevistados em casa no momento da coleta das assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e no dia 18 de novembro foram entrevistadas a P3 e P4 na escola. No dia 22 de novembro, foram realizadas entrevistas com uma aluna e uma professora. Para finalizar a pesquisa, enviou-se um e-mail solicitando algumas informações sobre o tempo que os alunos frequentam a escola e suas idades.

Todas as entrevistas tiveram, em média, 13 minutos cada, totalizando dez entrevistas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentar-se-ão a análise e a discussão dos resultados. Foram realizadas entrevistas com cinco alunos com DI e, posteriormente, com seus professores e/ou educadores especiais.

Para fins de análises, foram realizadas perguntas que divididas nos seguintes subtítulos: Professores da escola/associação; Identificação, peculiaridades dos sujeitos e nas categorias: 1 - Saúde; 2 - Relações sociais; 3 - Autonomia, 4 - Determinação/disposição; 5 - Sintomas biológicos. Percebeu-se que, dessa forma, fica mais fácil compreender cada temática, para se observar sua autonomia e estabilidade na sociedade.

Todas as perguntas foram referentes à entidade na qual estudam e estendidas a suas residências e/ou lar. As atividades preeminentes na instituição são a questão da higienização, cuidados com os materiais e horários das atividades. Um dos participantes reside em um lar, os outros quatro residem em uma casa, sendo: um com os pais, um com o pai e a madrasta, um com a mãe, o padrasto e o avô, e um com a mãe e a irmã, sendo os pais destes já idosos.

Nesse viés, para se conhecer os sujeitos, serão apresentadas algumas características. Assim, P1 apresenta os detalhes de como Terra é vista pela entidade:

[...] o meu parecer agora é que ela venha participar das turmas de convivência, que saia do EJA [...] nós colocamos a Terra no EJA dois porque ela é alfabetizada. Ela faz trocas ortográficas, lê e escreve do jeito dela. Então a gente pensou no EJA dois pra ela evoluir. E ela não tem desejo, não quer, [...]tem condições, [...] eles levam o trabalho pra casa. E lá ela tem uma psicóloga que ajuda a fazer os trabalhos, mas é um chorumingo¹ pra levar. Quantos estão levando? Está me dando demais e daí eu não fiz porque eu não sei. O não sei é a primeira palavra dela. [...] ela não está gostando de ta ali (P1).

Ao questionar Vento sobre sua idade, ela fala “*Eu tenho eu tenho dezoito*” (Vento). E ao ser questionada sobre o tempo na entidade, ela fala um número aleatório como em outros momentos durante a entrevista: “*Eu to há cinco meses*” (Vento).

¹ Chorar constantemente por qualquer motivo.

Durante o relato de como é Vento na escola, P2 fala com um sorriso orgulhoso:

Até eu brinco com ela todos os dias porque ela tem um desenvolvimento muito bom porque enquanto eu estou dando uma atividade pró outros ela já está na segunda, na terceira eu sempre tenho que ter uma atividade extra. [...] ela não depende de transporte, vem e volta sozinha (P2).

Já P3 comenta sobre as inseguranças de Neve a respeito da deficiência:

[...] eu vejo o Neve como uma pessoa [...] que não tem aceitação entende? É a parte que mais me preocupa do Neve, [...] ele não tem uma maior compreensão [...] eu vejo que é muito curioso, tem muita vontade de poder entender [...] o porquê que ele veio desse jeito. Com essa deficiência (P3).

Também, P3 relata evitar fazer passeios por causa de Neve e Laura², seus alunos com maiores dificuldades de mobilidade.

[...] vou dar um exemplo, eu evito muitas vezes de passear. [...] Laura, que é difícil também de caminhar. E ele não quer sentar na cadeira de rodas. E aí o pessoal aqui, até brincam comigo, bota ele na cadeira de roda ou deixa ele aqui pra passear com os outros. Eu não acho isso justo, então eu não faço isso. [...] Agora eu consegui fazer com que sente na cadeira de rodas, [...] ele aceitou isso. Porque ficou penalizado comigo, porque sabe que eu tenho dor nos braços e ele força, se apoia no meu braço pra caminhar [...] enquanto o pessoal já está voltando nós recém estamos chegando. E às vezes as outras pessoas não entendem isso. Existe muita cobrança.

Ao passo que P4 conta sobre Fogo:

Ah, eu acho ele um aluno muito querido, muito prestativo, solidário, gosta de ajudar os outros, mas às vezes é meio acomodado. Também não tem muita iniciativa, às vezes tem. Por exemplo: [...] como é que tá do braço, tá melhorando? Tomar o remédio? Foi no médico me pergunta. [...] um dia minha japona trancou o fecho, eu não conseguia por causa do braço, [...] tava difícil de abrir ele abriu, viu que eu consegui? Ele é prestativo, [...] Solidário, atencioso (P4).

Ademais, P3 diz ver Ar da seguinte forma:

[...] uma pessoa ótima pra se conviver. Ninguém tem o que dizer. E ela é muito inteligente. A vontade que ela tem de fazer as coisas. De aprender. [...] é uma pessoa bem compreensiva, tem uma boa aceitação e busca o aprendizado, é muito esperta. É uma pessoa que dá pra confiar. Ela é muito

² Nome fictício, em referência a uma pessoa da mesma sala.

amiga [...] brava pra personalidade um pouquinho forte, porque ela é muito defensora. [...] com carinho que tudo funciona (P3).

Notam-se os orgulhos das professoras em relação aos seus alunos, ambas conhecem bem e tem uma boa relação com eles.

A partir desse ponto, separou-se a análise por categorias, como já citado anteriormente, (sendo elas: Saúde, Relações Sociais, Autonomia, Determinação/Disposição e Sintomas Biológicos) para melhor compreensão desta pesquisa. Nas próximas linhas, será possível compreender essas especificações.

4.1 CATEGORIA 1: SAÚDE

Na categoria Saúde, examinaram-se os hábitos alimentares, de higiene pessoal e as atividades que o(s) sujeito(s) realiza(m), sejam elas de exercício físico ou não. De acordo com o Ministério da Saúde, a “Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1946, definiu saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade” (BRASIL, 2021).

Nessa categoria, se observou a autonomia desses sujeitos quanto à alimentação e higiene. P1 relata sobre Terra, contando um pouco sobre sua alimentação:

[...] tem que controlar [...] o lanche deles é arroz, feijão e comida. Então é uma máxima duas servidas. Então isso ajuda a controlar a Terra, porque se não ela seria mais compulsiva pela comida [...] não é chegada em comida, ela quer comer lanche, cachorro-quente, quer comer pão [...](P1).

Além disso, fala sobre a higiene, afirmando que é boa: “[...] ela tem algumas questões ah tipo de lavar o cabelo. [...] não é uma menina que falte com higiene. Talvez ela não tenha uma higiene tão adequada, mas nos quadros que a gente costuma ver ela tem uma higiene boa” (P1).

Ao perguntar à Terra se pratica alguma atividade, ela responde feliz: “Lá é o Bingo. Tinha ontem eu fui. Ganhei uma bolsinha e uma cestinha. Borrachinha também” (Terra).

Por outro lado, P2 relata sobre o desenvolvimento de Vento:

[...] ela está aqui desde quando era pequeninha e aí eu como eu peguei ela agora o desenvolvimento dela em questão de raciocínio lógico e cognitivo tá preservado, está muito bom. Então a gente está fazendo agora um detalhamento do trabalho realmente qual é a dificuldade maior que ela tem (P2).

Ao passo que, sobre a higiene e alimentação, P2 revela que: “Ela está sempre bem limpinha, cheirosinha, ela escova depois as refeições ela sempre escova os dentes aqui na escola” (P2) e “Ela não faz o lanche aqui na escola. Mas ela se alimenta bem. Tá. Deglutição dela é bem boa” (P2).

Ao solicitar sobre as atividades praticadas por Vento, a mesma cita: “Eu joga vôlei” e “estava fazendo natação lá fora” (Vento).

Já Neve possui deficiência física associada e faz fisioterapia na escola, quanto à alimentação: “[...] na escola ele come só quando tem arroz doce [...] ele traz sempre um suquinho, uns pedacinho de bolo eu acho meio fraco sabe” (P3). Acrescenta-se também quanto à higiene: “Também é ótimo. Ele é totalmente independente, né” (P3).

Na visão de P4, Fogo tem uma ótima higiene e parece se alimentar bem, gosta muito de ir a bailes. Na sua casa, tem como atividades cozinhar quando a mãe não está e, de acordo com suas palavras: “Dá boia pros bicho, Eu faço canteiro com a mãe. Limpo as sujeiras. Limpar os estercos da vaca” (Fogo). Na escola: “Eu vou num shopping. Tirar foto, dançar” (Fogo).

De acordo com a P3, Ar possui DI leve e, quanto à sua alimentação, relata que:

[...] tem uma alimentação mais controlada. Já pelo fato dela ter feito essa cirurgia [...] se alimenta bem e tudo. [...] Ela faz um tratamento, teve um tumor de intestino, fez cirurgia e se cuida, [...] pra controle do peso [...] faz caminhadas mas, não tá fazendo bem certinho (P3).

Quanto às atividades na escola, P3 comenta sobre a motricidade fina:

[...] são as costuras, os bordados porque eles aqui eles usam muito ponto caseadinho³. [...] cada um tem um pontinho diferente, cada um com as suas limitações. [...] aqui na instituição mesmo tem o grupo de dança. [...] Dependendo da apresentação ou do local [...] tipo de apresentação, daí

³ Técnica usada por bordadeiras e costureiras para evitar que o tecido desfie.

escolhe alguns alunos. [...] eles tem atividade física também esse ano que [...] eles vão aqui na Brigada aqui na pista, na quadra, na igreja, lá na Schoenstatt, a gente procura. Com jogos, com tudo. [...] eles estão sempre em movimento (P3).

Na Figura 1, apresenta-se o alfabeto confeccionado pelos alunos da sala de aula de Neve e Ar, que fica exposto na sala como referência na realização das atividades.

Figura 1 - Pesquisas na plataforma Capes



Fonte: Da autora, 2022.

Ar conta as atividades que gosta de fazer, que são: “*caminhar. As vezes joga bola, se tem bola. Basquete*” (Ar). P3 explica sobre o material guardado nas caixas de sapato de cada aluno, onde seus alunos Neve e Ar possuem essas caixas: “*tem todo o material da higiene. Porque cada um tem a sua a sua toalhinha, escova de dente, pasta de dente e após a refeição e o lanche da tarde, eles escovam os dentes. Faz a sua higiene*” (P3).

As professoras caracterizam a higiene dos alunos como boa, para isso é necessário uma rotina organizada na alimentação e na higienização.

4.2 CATEGORIA 2: RELAÇÕES SOCIAIS

Como é sabido que se aprende, especialmente, de acordo com o meio em que se vive quando crianças, os valores familiares também serão a solução para as relações sociais.

A família constitui o primeiro universo de relações sociais da criança, podendo proporcionar-lhe um ambiente de crescimento e desenvolvimento, especialmente em se tratando das crianças com deficiência mental, as quais requerem atenção e cuidados específicos. A influência da família no

desenvolvimento de suas crianças se dá, primordialmente, através das relações estabelecidas por meio de uma via fundamental: a comunicação, tanto verbal como não verbal (SILVA; DESSEN, 2001, p. 136).

A seguir, analisar-se-á sobre as amizades e familiares com as quais os sujeitos convivem.

No relato sobre Terra, a P1 acredita que ela seja singular: “[...] *não tem não existe assim muito um relacionamento interpessoal ela é muito na dela. [...] Ela não procura interagir. Ela fica muito no canto dela*” (P1).

No que diz respeito à família, P1 pronuncia:

[...] ela tem uma boa memória da história de vida dela, porque ela foi para o lar. “Ela, a mãe e a irmã, e essa irmã, acho que tinha uma deficiência mais severa, ela fala irmãzinha” e que logo depois que a irmãzinha faleceu a mãe faleceu. [...] ela tem um irmão que mora se não me engano em Cachoeira, que é bombeiro [...] já se aposentou, que [...] esse irmão visita ela. E ela fala que tem uma irmã que mora em Camobi, que não visita ela. [...] daí ela conta quando o irmão vem, que trouxe presente, que sai com ela pra levar na sorveteria (P1).

Ao falar sobre amizade, Terra logo fala: “*Minha amiga mesmo é a Jose⁴ aquela moreninha. Ela é do Lar*” (Terra).

P2 afirma que a Vento tem bom relacionamento com os colegas: “*Ela se dá bem com todo mundo. Com essa turma quanto a outra turma é bem tranquila [...] o pai dela tem um bar. E daí ela disse que ela ajuda o pai dela ali no bar. Então acho que talvez a clientela que vai ali ela converse*” (P2).

Ao perguntar à Vento sobre as amizades na instituição, ela diz: “*a P2, ah não consigo me lembrar, Julio⁵, Rô⁶*” (Vento). Todavia, também, destaca as relações familiares: “[...] *tem meu irmão eu tenho um irmão grande [...] ele sempre fiel, ele me levou lá pra casa dele. Olha o meu irmão faz tudo, faz rancho, compra bolachinha [...]*” (Vento).

Já Neve tem amigos e vive com a família composta por seu pai, madrasta, irmã, cunhado e sobrinho.

[...] ele mora com o pai e a madrasta e tem uma irmã também, é casada, tem um sobrinho. [...] tem amigos virtuais. [...] ele conversa bastante com uma moça de outra cidade e tem umas amigas em São Pedro, que seguido

⁴ Nome fictício, em referência a uma pessoa que mora no mesmo lar.

⁵ Nome fictício, em referência a uma pessoa da mesma sala.

⁶ Nome fictício, em referência a uma pessoa da mesma sala.

ele vai passear, é meio parente, [...] madrinha. Daí passa o verão assim, uma época das férias dele lá (P3).

Neve afirma que tem bons relacionamentos e alguns amigos na instituição, e tem, também, a família que o acolhe:

Eu vou todo ano São Pedro Do Sul. [...] de repente mês que vem tô indo pra lá [...] eu tenho zapzap e tenho o meu Facebook.[...] na verdade é a minha família. Minha professora também é. [...] Deu um aniversário, ela me convida. [...] Posar lá Eu vou (Neve).

P4 diz que Fogo é perfeito com os colegas. Ele mora com a família, quem convive com ele é:

[...] a mãe e o padrasto (vem buscar ele às vezes aqui). E a mãe é uma pessoa muito querida. [...] Fogo fala muito da vó, quando tá doente, fala que fizeram festa, falam que vão se reunir aqui e ali, eu acho que é saudável pelo que demonstra [...] Ele gosta muito em CTG fala muito que vai nos bailes e fala muito com o Cris. [...] Ele tem bombacha, tem tudo (P4).

Fogo diz ter bons amigos na escola, mas não lembra os nomes, diz também ter amigos na vizinhança que são parentes.

De acordo com P3, Ar é uma aluna muito querida por todos: *[...] eu sei que ela mora com a mãe, o pai não tem mais [...] umas duas ou três irmãs, sobrinhas, sobrinho, ela tem. Ela convive com essas pessoas. Então eu acho que é a dela eu sei que tem um sobrinho, ela tem umas três irmãs” (P3).* Ar diz se relacionar bem com os colegas na escola e os considera amigos.

Nesse íterim, com esta pesquisa, evidencia-se que as relações sociais estão dentro do convívio escolar e da família. Quando perguntado aos alunos das atividades feitas na entidade e/ou onde mora, cada um tem um foco diferente, tais como as áreas de interesse que são a dança, natação, passeios, artesanato, escrever, dormir e tomar um solzinho. É importante dizer que eles falam sobre as coisas que mais gostam de fazer, aquelas que ocupam seus dias, sejam essas atividades físicas ou não.

4.3 CATEGORIA 3: AUTONOMIA

Para iniciar esta categoria, cita-se Paulo Freire (2003, p. 59 apud DANTAS *et al.*, 2020, p. 180), onde ele afirma: “o respeito à autonomia e à dignidade de cada

um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros”. A autoconsciência, expressão criativa, dos sujeitos é única, cada ser humano age de uma forma.

Nesse sentido, no Quadro 4, pode-se observar que, dos cinco sujeitos entrevistados: dois declaram que sabem escolher suas roupas, já os demais dependem de alguém para isso; um sabe cozinhar, habilidade que os outros não dominam; um acredita que sabe usar o dinheiro, enquanto outros não; e um acredita poder fazer compras, enquanto outros acreditam não ter as habilidades necessárias. Assim, foram identificados com X os alunos que responderam que sabem realizar a atividade e X? para os alunos que ficaram inseguros (acham que sabem).

Quadro 4 - Atividades de vida diária realizada pelos sujeitos

Consegue fazer sozinho	Terra	Vento	Neve	Fogo	Ar
Fazer compras					X?
Usar dinheiro			X?		
Escolher roupas		X		X	
Sabe cozinhar				X	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

De acordo com a P1, Terra tenta evitar as atividades, mas sempre é incentivada a fazê-las:

[...] as atividades de sala de aula pra fazer [...] tem o dia que tem educação física, ela tem obrigação de participar dessa atividade, o dia que tinha que participar da música, tinha que participar. Se tem alguma apresentação [...] Então é colocado como uma obrigação pra ela. E estimulado que ela faz sempre. Então as obrigações é como se fosse escola (P1).

Quando a mesma pergunta é lançada à Terra, ela sem muito ânimo responde: “Eu não faço nada, não arrumo a cama, resolvo às vezes arrumar [...] tenho gordura no fígado eu, canso muito, [...] roupas eu dobrei, mas depois revirei tudo” (Terra).

Já a rotina de Vento na escola desde sua chegada pela manhã de acordo com P2 é:

[...] é a chegada ao desenvolvimento das atividades no decorrer do dia, depois a gente sobe e vai para o refeitório. Volta daí tem a parte da higienização, é obrigatória, a gente pede, e segue nas atividades. [...] A gente faz Educação Física, tem aula de música, vai pra praça, tem uma praça aqui embaixo, ela joga vôlei, [...] aulas de música, tudo ela participa, qualquer atividade extra que tenha.[...] ela vem e volta sozinha, ela não depende de transporte (P2).

De acordo com a informação da P2, Vento ajuda em casa significativamente: *“segundo ela me relata [...] ela ajuda a cuidar da mãe, ela ajuda o pai [...]”* (P2). Diante do questionário, ela conta quais são suas obrigações: *“[...] limpar a louça, guardar louça [...] Cuidar de casa. É arrumar a cama. Arrumar o meu quarto. Eu tomo banho sozinha. Quando chega até meio-dia eu almoço e de tarde eu fico dormindo com a mãe”* (Vento).

Outrossim, as obrigações de Neve na escola são simples, do cotidiano, de acordo com P3 e P4 são:

Escovar os dentes, cuidar a mesa, horário de vim na escola, horário do recreio, horário de educação física, enfim esses horários normais do ambiente escolar. [...] Cada um tem a sua caixinha e tem o seu material de higiene ali [...] porque a minha sala é uma oficina de artesanato (P4).

Na Figura 2, apresentam-se as fotos das caixinhas confeccionadas pelos alunos para guardar seus materiais de higiene e de uso diário na escola.

Figura 2 - Caixinhas confeccionadas pelos alunos



Fonte: Da autora, 2022.

O relato de P3 sobre Neve, do seu cotidiano e de seus hábitos de vida diária, revela um pouco sua autonomia: *“[...] ele me conta que lava a louça, que limpa, que faz e acontece [...] já parou na minha casa. Ele já ficou um tempo lá com nós. Então quando eu vi, tava lavando a louça. De livre e espontânea vontade [...] é um dos meus melhores alunos”* (P3).

Dentro das atividades diárias de Neve está a fisioterapia e atividades artesanais que ele aprende na escola: *“[...] Artesanato. Tem coisa aqui que eu faço em casa pra vender. É para comprar coisas para mim”*.

Adicionalmente, Fogo conta feliz que sabe cozinhar: *“Eu faço quando a mãe sai [...] Arroz, Feijão”* (Fogo).

A P3 relata algumas mudanças feitas em sala de aula devido à pandemia:

[...] antes a gente tinha o material [...] usavam todos juntos. Agora não, desde que veio a pandemia eu individualizei. Daí cada um tem o seu material de uso, eles guardam dentro dessa caixa [...] tem muito bordado, muito bichinho, muita coisinha (P3).

As dificuldades encontradas por Ar, de acordo com a P3, são:

[...] na leitura [...] procuro então fazer com eles uma leitura [...] pra estimular. [...] Eles vão esquecendo. Eu acho que a maior dificuldade dela seria mais essa. Porque ela sabe escrever, se comunica comigo no Face, no WhatsApp (P3).

Em seguida, Ar conta sobre suas atividades diárias: “*[...] passo roupa e limpa a casa [...] varrendo [...]*” (Ar).

Pode-se observar que os indivíduos com DI carecem de autonomia para viver de forma independente, mas ainda assim são capazes de auxiliar outras pessoas em casa nas tarefas diárias. Diante do relato das professoras, é visível que elas começam a perder de vista as lições aprendidas, como será visto na próxima seção.

Ao observar os indivíduos no cotidiano, não se pode dar certeza do seu grau de autonomia e, para incentivar essa autonomia, é necessário uma constância e um manejo das habilidades dos sujeitos individualmente.

Durante as pesquisas, observou-se que é difícil quantificar a autonomia desses sujeitos, visto que precisam praticar diariamente atividades variadas (coisas simples como falar, andar, escrever, desenhar e outros) que auxiliam na flexibilidade do cotidiano e na persistência nas suas ações. Lembrando que autonomia refere-se, também, à possibilidade de tomada de decisão, fatos esses que precisam ser diariamente incentivados.

4.4 CATEGORIA 4: DETERMINAÇÃO/DISPOSIÇÃO

Determinação, de acordo com Durkheim (2007, p. 46), “[...] um objeto fixo, uma medida constante que está sempre à disposição do observador e que não deixa lugar às impressões subjetivas e às observações pessoais”. Observa-se, aqui, portanto, a determinação dos sujeitos pesquisados, o quanto estão dispostos a atingir seus objetivos.

Quando questionados sobre as mudanças a serem feitas pelos sujeitos, Terra preferiu não responder e, por insistência para falar sobre algo que ela gostasse, ela disse “*sento lá num banco numa cadeira fazendo nada lá tomando solzinho*” (Terra).

Enquanto isso, Vento demonstra mais facilidade em responder sobre o que gosta: “[...] *eu gosto de dormir sozinha, quando chega de tarde eu passo só em casa escutando música [...] Brincar com os meus bonecas... Eu tenho um monte... Eu ponho roupas e converso*” (Vento).

Ao indagar Neve sobre as mudanças que gostaria, ele logo lembra de sua deficiência: “*O meu risco de ficar numa cadeira de rodas aí não tem como se locomover. É que é pequena as portas. Lá atrás tem degrau [...] Tem que mudar tudo*” (Neve). Pelo fato de não ter conseguido nenhuma ajuda do governo, apesar de sua deficiência, ele manifesta o desejo de ser independente financeiramente: “[...] *poder receber salário*” (Neve).

A melhor mudança que poderia haver de acordo com Ar é: “*Mudava tudo na casa. Pintar, arrumava a rua*” (Ar). E o que mais gosta de fazer conta com satisfação: “*Eu escrevo no meu caderninho*” (Ar).

É possível inferir dessa observação que nem todos os entrevistados estavam preparados para isso, sendo que alguns acharam as perguntas dessa fase difíceis de pensar e reagir no momento em que foram feitas.

4.5 CATEGORIA 5: SINTOMAS BIOLÓGICOS

Todos os seres humanos experimentam os sintomas biológicos provocados pelo envelhecimento do corpo e da mente, mas não são causados por um processo cronológico; em vez disso, eles dependem de quão bem uma pessoa é capaz de equilibrar sua vida entre sua saúde e sua cultura, como afirmam Schneider e Irigaray (2008, p. 586):

A distinção entre idosos jovens, idosos velhos e idosos mais velhos pode auxiliar no entendimento de que o envelhecimento não é algo determinado pela idade cronológica, mas é consequência das experiências passadas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras; é, portanto, uma integração entre as vivências pessoais e o contexto social e cultural em determinada época, e nele estão envolvidos diferentes aspectos: biológico, cronológico, psicológico e social.

Sendo assim, nesta pesquisa, procurou-se fazer perguntas relacionadas à saúde, como é apresentado no Quadro 5. Após a conclusão das entrevistas, pode-se observar as maiores dificuldades na fase de envelhecimento encontradas nos cinco entrevistados. As informações do Quadro 5 foram passadas pelas professoras participantes da pesquisa.

Quadro 5 - Sintomas biológicos dos sujeitos

O aluno apresentou algum desses sintomas?	Terra	Vento	Neve	Fogo	Ar
Confusão		R		X	
Dificuldade em compreender a comunicação escrita verbal	X			X	
Fala embaralhada	X	R	X	D	
Fala repetitiva	X			X	
Perda de memória	?	R		X	
Esquecimento de fatos comuns		R		X	
Alteração da personalidade do senso crítico	X		P		P
Perda de peso			X		
Perda da orientação em locais conhecidos				D	
Dificuldades em tomar decisões			A	X	
Esquecimento de coisas simples		X			
Depressão	X				
Mudança de humor	X				X
Ansiedade	X	X		X	
Irritabilidade					X
Desconfiança	X		X		

Legenda: R = Uso de medicamentos; ? = Dúvida; D = Doente; P = Está com preocupações; A = Necessita de ajuda; X = sim.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Durante a entrevista aos professores, pode-se perceber a importância de o lado emocional estar harmônico nesses sujeitos que foram entrevistados.

P1 deixa claro que a autoestima baixa deixa Terra desanimada para trabalhar. Ao mesmo tempo em que a aluna tem vontade, talvez ainda tenha esperança de que tudo melhore, pois não falta às aulas.

Ela tem uma autoestima muito baixa, eu não sei, eu não consigo, eu não quero, eu tô muito cansada [...] não quero mais [...] não tem uma coisa que tu proponha pra ela que ela fique alegre [...] acho que talvez ela precisasse de um acompanhamento psicológico [...] um espaço de fala [...] ao mesmo tempo que briga, ela já se autocorrige, aí não posso fazer assim (P1).

Quanto à memória desses sujeitos é bem subjetiva; no caso, Terra se destaca pelo relato da P1: “É, eu tenho minhas dúvidas se é perda de memória ou ela não quer, se convém [...] essa resposta é uma resposta meio dúbia” (P1). Já para Neve

essa baixa autoestima aparece na desconfiança das ações das pessoas que podem parecer contra ele, como diz a P3:

[...] quando acontece alguma coisa, o emocional dele fica muito abalado [...] tem uma sensibilidade bem aflorada [...] ele tem aquela necessidade de falar [...] é bem desconfiado, tudo é pro mal dele [...] tem que conversar e tirar da cabeça dele aquilo (P3).

Enquanto Neve gosta de exibir sua boa memória, como coloca a P3:

[...] ele é bem metido [...] Porque ele sabe tudo, se eu disser [...] me lembra que segunda-feira eu tenho isso e isso e isso pra fazer. Ele grava de uma maneira quando chegar na segunda eu já me esqueci, ele diz assim “o P3 tu tem que fazer (P3).

Acrescentando, P4 reforça a falta de amor que pode estar causando tanta insegurança no caso de Neve:

[...] conversa bastante, conta, se queixa [...] se sente mal-amado. Bem mal amado e ele quer uma família [...] e fala em mulher, uma companheira, daí um pouco diz: quem é que vai querer, que tá difícil. [...] Autoestima é lá embaixo. [...] adora artesanato, a P3 pra ele é uma amigona assim, uma irmã eu acho. Eu fico encantada, de ver falando nela assim, a turma ele gosta (P4).

As dificuldades encontradas por Neve são pela condição física, as P3 e P4 narram sobre o sujeito:

*Dificuldades, [...] acho que é motora [...] e uma hora fica conversando, ele para [...] é o tempo dentro do tempo dele (P3).
É bem da limitação dele faz bem caprichadinho [...] Só que demora [...] é mais adulto [...] (P4).*

Já Fogo tem dificuldades em se expressar, mas tem um gosto bastante peculiar, como refere P4:

[...] tem dificuldade [...] em se expressar dependendo quando chega de manhã [...] tá meio sonolento depois vai acordando, mas ele fica às vezes olhando [...] escutando as conversas, mas gosta de dançar, [...] não desenha, [...] é só risco, a pintura (P4).

Ar se destaca pela sua personalidade forte, como se pode perceber na colocação da P3: *“Eh. Às vezes, que ela tem uma personalidade um pouquinho forte, ela embravece só isso [...]”* (P3).

Os sintomas biológicos aqui pesquisados reforçam que as pessoas com DI podem apresentar maiores dificuldades de memória no envelhecimento. Observou-se a perda das habilidades adquiridas pela falta de uso, a necessidade de uma “ginástica mental” como reforço, como observado na fala da P3: *“Eu coloquei aquele alfabeto ali, que eles que fizeram. [...] Eles vão esquecendo com o tempo, com a idade. [...] Então eu procuro fazer pra sempre eles lembrarem de alguma coisa”* (P3).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa veio das inquietações sobre a autonomia dos sujeitos com DI na fase de envelhecimento. Diante dos resultados, pode-se perceber que esses sujeitos possuem uma dificuldade ainda maior a ser enfrentada com a idade: além da coordenação motora, eles têm a perda das habilidades adquiridas pela falta de uso (como por exemplo o alfabeto construído na escola Lisbôa para os alunos relembra-rem de todas as letras pelo fato do esquecimento). Assim, percebe-se o quanto é necessário que esses sujeitos se mantenham ativos e em uma escola/entidade para melhorar e manter sua autonomia.

Ao dialogar com os sujeitos, compreende-se que suas necessidades são semelhantes às de qualquer pessoa que passa por essa fase de desenvolvimento, bem como de cuidado e assistência, sendo que as pessoas com DI podem ficar mais dependentes. Entende-se, também, que as áreas de interesse dos sujeitos estão voltadas para o lazer e que eles possuem sinais precoces de envelhecimento, como fadiga e esquecimento, necessitando de estimulação diária para atividades rotineiras que irão melhorar sua função cerebral e motora.

Alguns alunos com DI apresentavam mais desenvoltura do que outros, seriam necessárias mais pesquisas sobre essas diferenças para entender o contexto histórico de cada um desses sujeitos e o impacto desse contexto na aquisição de habilidades sociais e conceituais. Contudo, foi satisfatória a relação criada entre as entrevistas. Percebe-se que os sujeitos gostaram de participar e falar mais sobre si. Em todas as entrevistas feitas, os sujeitos, inicialmente, ficaram ansiosos por medo das perguntas, mas quando perceberam que eram questões sobre o cotidiano relaxaram e responderam de acordo com suas vivências.

Dessa forma, é possível refletir sobre as necessidades da pessoa com DI na fase adulta e entender que os sintomas biológicos, saúde, relações sociais, autonomia e disposição na vida desses sujeitos estão interligados. Assim sendo, é necessário exercitar o corpo e a mente, vivendo em sociedade e praticando atividades de vida diária e físicas.

REFERÊNCIAS

APAE Santa Maria completa 55 anos. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 05 maio 2021. Disponível em: <https://diariosm.com.br/apae-santa-maria-completa-55-anos/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BINS, Katuscha Lara Genro. **Adultos com deficiência intelectual incluídos na educação de jovens e adultos**: apontamentos necessários sobre adultez, inclusão e aprendizagem. 2013. 118 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5493/1/000451410-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 03 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 02 de ago. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 127, p. 2, 07 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 15 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que significa ter saúde?**. Brasília, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-que-ro-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude>. Acesso em: 18 dez. 2022.

CECATO, Juliana Francisca *et al.* Inclusão social de um paciente com déficit intelectual moderado por meio de repertório verbal. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 69-82, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652012000200006>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DANTAS, Tânia Regina Dantas *et al.* **Paulo Freire em diálogo com a educação de jovens e adultos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/durkheim-c3a9-as-regras-do-mc3a9todo-sociolc3b3gico.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2022.

FARIAS, Enoleide; PEREIRA, Marcelha; KEYSE Naryelle. O mundo grisalho. **UFRN**, Natal, 15 out. 2019. Disponível em: <https://www.ufrn.br/imprensa/reportagens-e-saberes/29887/o-mundo-grisalho>. Acesso em: 16 set. 2022.

FERREIRA, Aline Cristina; JESUS, Juliana Soares de; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. O trabalho remoto de psicólogos com pessoas com deficiência intelectual na pandemia. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, Montevideo, v. 12, n. 2, p. 29-51, ago./oct. 2022. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v12n2/1688-7026-pcs-12-02-26.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FORRETA, Maria; ALVES, Natália. Efeito Bumerangue: trajetórias educativas dos indivíduos classificados na categoria deficiência intelectual. **Sisyphus — Journal of Education**, Lisboa, v. 7, n. 2, p. 24-47, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5757/575763749003/html/>. Acesso em: 16 set. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GIRARDI, Mirtha; PORTELA, Marilene Rodrigues; COLUSSI, Eliane Lúcia. O envelhecimento em deficientes intelectuais. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 79-89, 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/2799/pdf>. Acesso em: 05 ago. 2022.

GOZZO, Débora; MONTEIRO, Juliano Ralo. A concretização da autonomia existencial e a Lei n. 13.146/15: apontamentos sobre o casamento da pessoa com deficiência. **Civilistica.com**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 1, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://civilistica.emnuvens.com.br/redc/article/view/402/336>. Acesso em: 04 dez. 2022.

GUSMÃO, Elaine Custódio Rodrigues *et al.* Habilidades adaptativas sociais e conceituais de indivíduos com deficiência intelectual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 53, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018014903481>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MOREIRA, Lilia Maria de Azevedo *et al.* Envelhecimento precoce em adultos com Síndrome de Down: aspectos genéticos, cognitivos e funcionais. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1-7, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v22n4/pt_1809-9823-rbgg-22-04-e190024.pdf. Acesso em: 05 ago. 2022.

MOTA, Rosimeire da Silva Moreira; OLIVEIRA, Maria Leticia Marcondes Coelho; BATISTA, Eraldo Carlos. Qualidade de vida na velhice: uma reflexão teórica. **Revista Communitas**, Rio Branco, v. 1, n. 1, p. 47-61, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/1122>. Acesso em: 25 fev. 2022.

OLIVEIRA, Érica Bueno Camargo de *et al.* Qualidade de vida de famílias de filhos com deficiência intelectual moderada. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 101-109, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000233>. Acesso em: 02 ago. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Tradução: Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PIMENTA, Ricardo de Almeida; RODRIGUES, Luiz Alberto; GREGUOL, Marcia. Avaliação da qualidade de vida e sobrecarga de cuidadores de pessoas com deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, João Pessoa, v. 14, n. 3, p. 69-76, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rbcs/article/view/9687/5406>. Acesso em: 25 fev. 2022.

RABELO, Firmino Doris. Comprometimento Cognitivo Leve em Idosos: avaliação, fatores associados e possibilidades de intervenção. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 65-79, nov. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12i2p%25p>. Acesso em: 10 jan. 2023.

RAMOS, Luiz Roberto. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 793-798, maio/jun. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300011>. Acesso em: 02 de ago. 2022.

REICHERT, Claudete Bonatto; WAGNER, Adriana. Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 46-59, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300004. Acesso em: 16 set. 2022.

SANTOS, Ivone Laurentino. Deficiência intelectual, vulnerabilidade e autonomia no Brasil: análise no contexto da bioética. **Revista Iberoamericana de Bioética**, Barcelona, n. 16, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/bioetica-revista-iberoamericana/article/view/14649/15031>. Acesso em: 02 set. 2022.

SARTONI, Bruno; YAMADA, Cristina; SOUZA, Frank Roger Defanti e. A influência do kundalini yoga no equilíbrio de deficientes intelectuais em processo de envelhecimento. **Leituras: Educação Física e Esportes**, Buenos Aires, n. 206, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5289099>. Acessado em: 10 jan. 2023.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>. Acesso em: 01 dez. 2022.

SILVA, Alice Alves de Souza. **O processo de envelhecimento em pessoas com deficiência intelectual**. Barbosa Ferraz: UEM; Estado do Paraná; PDE, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edespecial_uem_alicealvesdesouzasilva.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 133-141, maio/ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000200005>. Acesso em: 09 dez. 2022.

SILVA, Rebeca Liaschi Floro *et al.* A autoadvocacia como prática de empoderamento de adolescentes com deficiência auditiva: um estudo-piloto. **Audiology - Communication Research**, São Paulo, v. 25, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2020-2324>. Acesso em: 02 ago. 2022.

TRENTIM, Valéria Becher; RAITZ, Tânia Regina. Educação e trabalho: formação profissional para jovens com deficiência intelectual na escola especial. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 62, p. 713-726, jul./set. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X28660>. Acesso em: 02 ago. 2022.

VAI a Plenário projeto que permite a pessoa com deficiência ser considerada idosa aos 50 anos. **Senado Notícias**, Brasília, 30 ago. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/08/30/vai-a-plenario-projeto-que-permite-a-pessoa-com-deficiencia-ser-considerada-idosa-aos-50-anos>. Acesso em: 16 set. 2022.

WERTONGE, Geovana Silva; CASTRO, Sabrina Fernandes de; LEHNHART, Gabriela Brutti. Privacidade e autonomia de um adulto com deficiência intelectual. **INFAD Revista de Psicología**, Badajoz, v. 1, n. 1, p. 309-320, 2021. Disponível em: <https://revista.infad.eu/index.php/IJODAEF/article/view/2068/1740>. Acesso em: 15 jul. 2022.

APÊNDICE A - QUESTÕES PARA A INSTITUIÇÃO/PROFESSOR

Inicialmente, se possível, pegarei a ficha técnica dos sujeitos para verificar e/ou farei as seguintes perguntas sobre o aluno para alguns/as funcionários/as (ainda não sei quantos/as e quais vou encontrar na instituição, preferencialmente a Educadora Especial) para conhecê-lo melhor.

- Qual seu nome?
 - Qual sua atuação na entidade?
 - Há quanto tempo atua nessa entidade?
 - Quantos alunos com DI você acompanha a partir dos 45 anos?
 - Quantos alunos com DI acima de 45 anos tem na entidade?
1. Nome do sujeito?
 2. Idade?
 3. Qual o tempo na entidade?
 4. O aluno apresenta algum sintoma associado com a DI?
 - () Desorientação;
 - () Confusão;
 - () Dificuldade em compreender comunicação escrita ou verbal;
 - () Fala Embaralhada;
 - () Fala Repetitiva;
 - () Perda Da Memória;
 - () Dificuldade em reconhecer familiares e amigos;
 - () Esquecimento de fatos comuns, como por exemplo, o dia em que estão;
 - () Alteração da personalidade e do senso crítico;
 - () Agitação e caminhadas durante a noite;
 - () Falta de apetite;
 - () Perda De Peso;
 - () Dificuldade Em Engolir;
 - () Incontinência Fecal;
 - () Incontinência Urinária;
 - () Perda da orientação em ambientes conhecidos;
 - () Vagar Sem Rumo E Se Perder;
 - () Perda de Movimentos;
 - () Dificuldade Em Tomar Decisões;

- ()Esquecimento De Coisas Simples;
 - ()Depressão;
 - ()Mudança De Humor;
 - ()Ansiedade;
 - ()Insônia;
 - ()Irritabilidade;
 - ()Desconfiança;
 - ()Delírios;
 - ()Alucinações;
5. Qual Necessidade Especial do aluno?
 6. Como é a alimentação?
 7. Como é o relacionamento com os colegas?
 8. Como é a higiene?
 9. Quais os familiares ele tem? (irmãos, filhos, esposa, pais, etc.)
 10. Como é a relação com sua família?
 11. Tem amigos fora da instituição que venham lhe visitar?
 12. Como a entidade vê esse aluno?
 13. Quais exercícios que a entidade proporciona ao usuário? Atividades esportivas, jogar, mexer com a terra, fazendo plantações, por exemplo, assistir TV, escrever, ler, conversar, desenhar, montar quebra cabeças, etc.
 14. Quais são as obrigações de rotina do usuário?
 15. Quais as principais dificuldades que o aluno com DI apresenta? Favor descrever quais: _____

Questões para o aluno DI:

Depois que preencher todos os dados com os funcionários (pois eles são os que mais convivem com o mesmo e o conhecem), perguntarei em particular ao sujeito, para que ele fale com suas palavras de seus sentimentos, a respeito de si próprio e do ambiente em que vive.

Perguntas ao sujeito:

Qual local você vive?

1. Qual seu nome?
2. Qual sua Idade?
3. A quanto tempo está ou permanece na instituição?

4. Quem ensinou você nas questões abaixo?
 - Andar na cidade sozinha (o)
 - Comprar comida
 - Usar dinheiro
 - Escolher roupas para usar
 - Fazer comida ou doce, quais?
5. Tem bons amigos aqui na instituição ou em casa? Quais são eles?
6. O que você mudaria onde você vive para o ambiente ficar mais aconchegante?
7. Quais são suas obrigações no local em que vive?
8. Você pratica alguma atividade?
9. O que você mais gosta de fazer?
10. O que você não gosta de fazer?
11. Se você pudesse fazer algo agora de diferente o que você faria?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
ESPECIAL
Projeto de TCC
8º SEMESTRE DE 2022



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, Regina Puntel da Costa Silva, matrícula 201820506, estudante do curso de Licenciatura de Educação Especial - noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), estou realizando uma pesquisa para um projeto acadêmico intitulado “A AUTONOMIA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENVELHECIMENTO” sob a orientação da professora Sabrina Fernandes de Castro e está vinculado à disciplina. Este trabalho busca conhecer o perfil dos alunos com Deficiência Intelectual (DI) e suas atividades no cotidiano (para sua autonomia), bem como metodologias utilizadas pelas entidades para esse aluno se envolver. A pesquisa contém algumas perguntas simples sobre o cotidiano, elaboradas por mim.

O (A) Sr. (Sra.) _____ está sendo convidado a participar da pesquisa, mas é importante lembrar que a sua participação não é obrigatória e a qualquer momento pode desistir de participar e retirar o consentimento. Sua recusa não dará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O procedimento não causará nenhum dano à integridade dos participantes e sua identificação será mantida sob sigilo. Poderá haver desagrado em alguns momentos com relação ao tempo despendido para o questionário e em alguns assuntos abordados. Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que podem trazer benefícios para a área de Educação Especial. Assim, os dados obtidos no questionário serão apresentados em forma de projeto acadêmico e poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em congressos, seminários e publicados em diferentes meios como relato de pesquisa. Todas as informações obtidas serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo nominal de todos os envolvidos.

Eu, _____, declaro aceitar participar da pesquisa e também declaro estar ciente de que minha participação é voluntária, podendo ser solicitado o desligamento a qualquer momento e que minha identidade será preservada. Confirmando que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto faz parte do seu trabalho acadêmico, do curso de Licenciatura em Educação Especial - noturno, da Universidade Federal de Santa Maria.

Santa Maria, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do participante

Regina Puntel da Costa Silva

(55) 97155212

Profa. Sabrina Fernandes de Castro

(55) XXXXXXXXXXXXXXX

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA RESPONSÁVEIS LEGAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
ESPECIAL
Projeto de TCC
8º SEMESTRE DE 2022



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) Para Responsáveis Legais

Eu, Regina Puntel da Costa Silva, matrícula 201820506, estudante do curso de Licenciatura de Educação Especial - noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), estou realizando uma pesquisa para um projeto acadêmico intitulado “A AUTONOMIA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL NO ENVELHECIMENTO” sob a orientação da professora Sabrina Fernandes de Castro. Este trabalho busca conhecer o perfil dos adultos com Deficiência Intelectual (DI) e as dificuldades com o cotidiano (autonomia), bem como metodologias utilizadas pelas entidades para esse aluno se envolver. A pesquisa contém algumas perguntas simples sobre o cotidiano, elaboradas por mim.

O (A) Sr. (Sra.) _____ está sendo convidado a participar da pesquisa, mediante autorização do seu responsável legal _____, mas é importante lembrar que a sua participação não é obrigatória e a qualquer momento pode desistir de participar e retirar o consentimento. Sua recusa não dará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O procedimento não causará nenhum dano à integridade dos participantes e sua identificação será mantida sob sigilo. Poderá haver desagrado em alguns momentos com relação ao tempo despendido para o questionário em alguns assuntos abordados. Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que podem trazer benefícios para a área de Educação Especial. Assim, os dados obtidos no questionário serão apresentados em forma de projeto acadêmico e poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em

congressos, seminários e publicados em diferentes meios como relato de pesquisa. Todas as informações obtidas serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo nominal de todos os envolvidos.

Eu, _____ declaro aceitar que _____ participe da pesquisa e também declaro estar ciente de que sua participação é voluntária, podendo ser solicitado o desligamento a qualquer momento e que sua identidade será preservada. Alego que entendi os objetivos, riscos e benefícios de sua participação na pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto faz parte do seu trabalho acadêmico, do curso de Licenciatura em Educação Especial - noturno, da Universidade Federal de Santa Maria.

Santa Maria, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do Responsável Legal

Regina Puntel da Costa Silva

(55) 97155212

Profa. Sabrina Fernandes de Castro

(55) XXXXXXXXXXXXXXX